

Um convite para baile

ALEXANDRE GARCIA JORNAL DE BRASÍLIA

O Brasil é o único país que conseguiu revogar a Lei da Oferta e da Procura. Encontrei essa constatação como uma "eureca" num jornal de domingo, feita por um consultor econômico, Gil Pace. A lei da oferta e da procura, que a gente aprende nos primeiros livros de Economia, é como uma lei de física, tal a sua inevitável constância. No entanto, aqui no Brasil, aumenta a oferta e os preços sobem; diminui a procura e os preços sobem. A única constante é a lei da subida dos preços.

É óbvio que a inflação é boa para alguns. Ela dispensa controle, produtividade; basta aplicar na especulação financeira e não na produção. Ganha-se sem trabalhar. E, como o Brasil ainda não conseguiu revogar a Lei de Lavoisier, segundo a qual "no universo nada se cria, nada se perde, tudo se transforma", isso significa que se alguns ganham muito, muitos perdem para que alguns ganhem. Os mais pobres, que não têm o que aplicar na especulação financeira, sustentam os mais ricos. Os oligopólios e cartéis passeiam livres da polícia e da Justiça. Enquanto isso, o Governo, que deveria cuidar de aplicar a lei e promover a Justiça, mal consegue transformar parte do trabalho de todos em gastos para sustentar a

máquina do Estado.

Essas são algumas das questões que foram postas nas mãos do novo ministro da Fazenda. Fernando Henrique Cardoso vai ter que diminuir drasticamente os gastos do Estado com o dinheiro do público (também chamado de dinheiro público); vai ter que cobrar dos que devem ao Governo Federal (principalmente dos estados, que têm o poder de emitir dinheiro), para que o Governo possa pagar suas dívidas, e vai ter que ajudar os que sustentam as estatais a vendê-las, porque ninguém mais aguenta trabalhar para sustentar o Estado improdutivo.

Fernando Henrique sabe que no Chile, onde ele esteve exilado, venderam-se as estatais e se privatizou até a previdência. Agora, tudo

funciona e o Chile virou "tigre" latino-americano. Na Argentina, depois de privatizadas as telecomunicações e as estradas, privatiza-se agora a YPF — a Petrobrás argentina. Os funcionários das estatais logo perceberam que o socialismo corporativista havia caído com o Muro de Berlim, e viraram acionistas das empresas. E agora, que o México, o Chile e a Argentina fizeram — e deu certo —, fica difícil convencer o cidadão que sustenta a festa fiscal isolada do País, de que a empresa "é do povo". Só seria do povo se o povo fosse efetivamente beneficiado. Está na hora de o ministro Fernando Henrique nos convidar para uma edição revisada do Baile da Ilha Fiscal — o *reveillon* do Brasil.

■ Alexandre Garcia é jornalista

